

FABRICO DE TIJOLOS DE ALVENARIA NO INTERIOR DO BRASIL

Nos diferentes estágios em que o barro se apresenta, oferece ao homem uma aplicação vantajosa, a começar, naturalmente, pela construção da casa onde, como é sabido, sua utilidade não se limita somente às paredes tôscas ou de alvenaria; na cerâmica rudimentar ou nos mais laborados biscuits a argila tem uso freqüente, marcando algumas das principais atividades humanas. Nossas observações se reportarão, entretanto, ao fabrico de tijolos para construção, indústria próspera em todo o país, hoje altamente mecanizada nos grandes centros. Interessam-nos, especificamente, os processos primitivos ainda empregados nos rincões mais afastados, onde maquinaria e novas técnicas, em virtude do seu alto custo, não penetraram sensivelmente, permitindo se conservem quase sem modificações os rudimentos que a tradição vem transmitindo há vários séculos.

O local preferido para a instalação de uma olaria é o baixo ou brejos, cujos leitos rasos, mas cheios de material aluvionar, oferecem colheita fácil de boa matéria-prima, além de, pelo baixo nível do solo fornecer água em abundância, vantagem pela qual pode ainda uma olaria, apesar de situar-se em um vale, extrair barro de morros circunjacentes, como acontece repetidas vezes no estado do Rio ou em São Paulo.

Geralmente, uma olaria dispõe de telheiros ou galpões onde as peças cozidas são armazenadas, aí permanecendo resguardadas das intempéries ou até serem vendidas. Em grandes áreas de chão batido e limpo, trabalha o oleiro, abaixando-se cada vez que maneja com agilidade de acrobata a "grade" onde o barro toma a forma do tijolo. O produto sai molhado e aos pares, permanecendo até secar, sobre uma leve camada de areia que impede sua aderência ao solo.

À margem da área ocupada pelos tijolos recentes, chamada "lastro", sempre fica o "barreiro", depósito de onde um ajudante retira, para suprimento constante do oleiro, o barro pronto para uso imediato. A extração é feita na véspera ficando de mólho os torrões durante a noite, para no dia seguinte, em saracoteio rítmico o caboclo esmagá-los sob os pés até obter uma pasta vigorosa que a água amolece e torna fugidia. À medida que trabalha o oleiro, o "lastro" se assemelha a um tabuleiro de xadrez pela regularidade dos tijolos dispostos em linhas paralelas e, enquanto os mais recentes aí se conservam, os tijolos enxutos vão sendo arrumados em pilhas longitudinais nas extremidades, recebendo essa arrumação provisória uma ligeira proteção de palhas. Antes de serem arrumados para a queima, os tijolos são "desbarbados" tarefa que consiste em raspar com facas rústicas, sem gume, as rebarbas deixadas nas arestas, e que é executada por menores.

Nas olarias mecanizadas, a peça que mais se distingue é uma prensa movida por um boi, o qual, girando em torno de um eixo, arrasta pesado cepo que vai esmagando o barro em substituição ao trabalho excessivamente cansativo em que se emprega, comumente, o ajudante do oleiro.

Na fabricação de tijolo se alinham três fases que vão da preparação do barro ao fabrico propriamente dito e à secagem conseqüente, após o que são feitas as caieiras, tarefa que requer cuidados meticulosos. Desde a arrumação, que obedece à forma de uma pirâmide retangular truncada e de inclinação suave, assentando sobre uma base vertical cuja altura permita a introdução da linha necessária à queima, a caieira se apresenta como delicado problema cujos resultados dependem de fatores diversos; o vento, inclusive, tem sua influência, devendo sua direção atingir as bôcas de fogo de modo a que o calor se distribua com uniformidade por todo o conjunto. Os tijolos são cruzados uns sobre os outros até a altura conveniente, recebendo a parte externa do bloco um rebôco que lhe dá aspecto inteiriço, sem frestas, para impedir que escape o ar quente. Depois de cozinhar durante três dias, a caieira é desmanchada, seguindo-se a remoção dos tijolos para os depósitos ou diretamente para o consumo. O rendimento do tijolo é imediato e compensa o dispêndio requerido pela telha, produto onde a qualidade do barro, da lenha e mão-de-obra mais caros não oferecem grande atrativo. Subsiste, entretanto, o seu fabrico numa olaria, por circunstâncias óbvias. O tipo a que nos referimos é o vulgarizado como telha-vã ou colonial.

É de consistência apurada, sem grãos, o barro para telha, usando-se na sua confecção uma grade de ferro que só permite fazer-se uma peça de cada vez. O oleiro trabalha sobre um cavalete inclinado tendo como apoio uma prancha comprida de madeira de onde a placa de barro é empurrada sobre a fôrma definitiva, o "cágado", instrumento convexo e longo que tem uma das extremidades mais estreita, servindo esta particularidade para facilitar a junção de uma telha sobre outra, sem deixar vazar a gua. Do "cágado" é a telha removida para secadores suspensos, prateleiras ventiladas e a sombra, que permitem uma secagem lenta. As caieiras de telhas são fixas e podem ser utilizadas durante muitas vezes, pois sua construção é de argamassa, em formato de caixão e de muita resistência, cabendo-lhe mais propriamente o nome de forno de cremação.

Brasil a dentro, as populações ainda erguem suas casas com tijolos e telhas das indústrias rudimentares, o caboclo porejando suor lustroso sobre o corpo que o sol queima, modelando placas de barro que o fogo endurece para, em agrupamentos sucessivos, fazer brotar do chão violento, muros e cidades.

BARBOZA LEITE

